

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	26500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	16500 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I — 13 DE MARÇO DE 1881 — N.º 4 —

GERENTE-PROPRIETARIO — AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa — Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	45000 "
Trimestre ou 13 ".....	25000 "
Avulso.....	200 "

SUMMARIO

Gravuras: — Roma. Vista do Tibre; Ultima communhão de Maria Stuart; Entrevista amorosa em Veneza; O Cairo

Texto: — As nossas gravuras; Uma hora d'angustia; No album da senhorita Aurora de... por Fernando Caldeira; A mais bella das virtudes por Junius; O crime de Rivecourt, trad. de Cunha e Sá.

AS NOSSAS GRAVURAS

ROMA. — VISTA DO TIBRE. — É na realidade muito difficil escrever alguma cousa de novo sobre a

uma carta por um distincto viajante muito conhecido entre nós, que não podemos resistir ao desejo de offerecer aos nossos leitores alguns periodos extrahidos d'ella.

Lisboa á cidade eterna; mas ainda assim pareceu-me mais curta do que as quatorze legoas, que separam Roma de Civita-Vecchia. O encanto do imprevisto só dá tempo de contar as horas,



ROMA VISTA DO TIBRE

capital da Italia; mas é tão verdadeira, tão eloquente, a descripção da cidade eterna, feita em

« Eis-me em Roma! Apesar dos modernos meios de locomoção, é comprida a viagem desde

que passam. Mas embarcar para se chegar a Roma, saber-se que dentro em uma hora se ha de

lá estar, é cousa que até parece impossível, e, francamente, depois de se passar a porta *Cavallegieri*, só se tem a certeza de ter chegado por causa dos numerosos *focchini*, que surgem de todos os logares, de todos os cantos, recomendando hoteis, e offerecendo-se para levar as bagagens. Mas depois de dar mais alguns passos, o viajante encontra-se na praça de S. Pedro, vê a Basilica, a ponte de S. Angelo, o Castello, o Tibre, e, tomado de admiração e de entusiasmo, declama consigo mesmo: Sim, é Roma; não ha outra cidade no mundo, que possa offerecer tão grandioso espectáculo. De feito, desde que entrei na cidade dos Cesares, senti-me dominado por um quer que seja de elevado, de magestoso. Antes de emprehender esta viagem folhee o livro da minha memoria, e a antiguidade classica, os heroes pagãos, o christianismo nascente, perseguido e triumphante desenharam-me no espirito uma Roma esplendida, ideal. Pois esqueci tudo, e tudo me pareceu pequeno deante da sumptuosa praça, que se ostentava a meus olhos.—Se depois d'isto, o viajante, deixando á esquerda o *Ospedale de S. Spirito* fór contemplar sobre a margem do rio a ponte de S. Angelo com o forte do mesmo nome, e se, como eu vi, as aguas placidas do Tibre forem douradas n'essa occasião pelos ultimos raios do sol poente, uma só cousa deve fazer: partir para nunca mais pisar o solo da cidade eterna e voltar á patria conservando no mais intimo d'alma uma lembrança, que só a morte apagará.

«Roma deputava antigamente os seus filhos mais illustres para irem a Athenas estudar e aprender o código do saber humano. Hoje, de todos os pontos do globo, a religião e as bellas artes enviam deputações a Roma para escutarem e trazerem de lá a palavra de S. Pedro e as leis do genio, que os mestres da antiguidade e da renascença deixaram escriptas em suas obras immortaes.

«Ao penetrar pela primeira vez no Forum, que era para Roma o que Roma era para o Universo, que viajante conhecedor da historia d'estes logares não experimentará uma grande e profunda commoção? O pensamento está como que agrihoadado, preso ao passado. O arado, que traçou o circuito da cidade de Romulo, só abrangem dentro do seu sulco o monte Palatino e o Forum. Por consequencia este logar, berço de Roma, tem assistido a todas as transformações de augmento, de esplendor e de decadencia.

«Defronte do templo da Victoria erguia-se o de Vesta, que no tempo da Commoda foi preza das chammas.

«—Aqui veem-se os restos dos templos consagrados a Jupiter Stator, a Cesar, a Romulo. Mais perto do Capitolio encontra-se o viajante ao pé do Arco de Septimio Severo, copiado em Paris no Carrroussel.—Acolá depara-se-lhe a columna de Phocas, o tyranno e a Roma do baixo imperio. Além da vil e torpe adulação de um povo corrompido esta columna traz á memoria as furiosas polemicas da erudição. Quantas dissertações amontoaram os archeologos e antiquarios para descobrir a origem d'este monumento? E bastou levantar a terra, que lhe cobria a base, para encontrar uma inscripção, que reduziu a nada todas as especulações dos senhores sabios.

«Em nenhuma outra parte se manifesta, como aqui, tão profunda opposição entre a Roma antiga e a moderna.

«A igreja christã ergue-se sobre as ruinas do templo pagão; o christianismo triumphante sobrepõe-se ao paganismo, expressão eloquente da grande evolução das ideias.

«S. Pedro é o monumento por excellencia, da Roma christã. É de todo o ponto impossível dar uma descripção perfeita dos successivos esplendores d'este incomparavel edificio. Mas o homem do norte, educado e habituado a contemplar as cathedraes gothicas tão admiravelmente proporcionadas, deante d'esta arrojadissima concepção, vê cahirem por terra todas as suas theorias.

«Na opinião d'elle os templos, em que as orações sobem ao ceo com o incenso, não podiam ter senão a fôrma ogival; e não era possivel separar do culto as ahobadas tão engenhosamente dispostas, as agulhas esguias, elegantes e graciosas. Os sons do órgão pareciam-lhe não poder vibrar senão dentro dos edificios gothicos, que os paizes septentrionaes mostram com orgulho ao mundo inteiro: S. Pedro, pelo contrario, em muitos pontos é mais um monumento artistico do que religioso. Menos antigo do que as cathedraes gothicas, sem offerecer á admiração dos visitantes a flecha de Anvers ou de Strasburgo, os nichos, os balaustros, as pilastras da fachada são maravilhas de sciencia, de imaginação, de bom gosto.

«É a arte de uma epocha e de um povo intelligente e civilizado.

«É baldado empenho querer definir a sensação, que se experimenta deante d'este incomparavel monumento.

«Affirmam alguns, e eu acredito, que a grandeza de S. Pedro não pôde ser devidamente avaliada, nem mesmo depois de muitas visitas.

«Provem esta difficuldade da proporção exacta de todas as partes. E, em verdade, o edificio não só excede os limites de todos os objectos conhecidos por tal fôrma, que os testemunhos da experiencia não bastam para apreciar-o, mas a harmonia de todos os seus elementos é tão perfeita que não ha termo de comparação, segundo o qual se possa ajuizar da sua immensidade. Pombos colossaes, que voam sobre cornijas mais altas do que montanhas, santos gigantes, letras que se leem apezar da elevação extraordinaria, em que estão collocadas, não podem fazer acreditar em tamanha grandeza e vastidão. S. Pedro é uma verdadeira maravilha, e podemos dizer, sem medo de errar, a obra mais grandiosa dos tempos modernos.»

ULTIMA COMMUNHÃO DE MARIA STUART.—São geralmente conhecidas as circumstancias, que originaram o captiveiro e morte de Maria Stuart.

Sabe-se que nasceu em 1542, que era filha de Diogo V, rei da Escocia e de Maria de Guise, e que ficando viuva aos dezeseis annos por morte de Francisco II, rei de França, Maria deixou a brilhante corte dos Valois e passou-se á sua terra natal, então abrasada no mais exagerado fanatismo promovido pelo calvinista João Knox. A formosura, a bondade e as desgraças da joven rainha, grangearam-lhe as sympathias da multidão, que a recebeu com as mais vivas demonstrações de affecto. Porém Izabel, rainha de Inglaterra, empregou todos os esforços para sublevar os puritanos contra a sua rainha catholica. Maria, que precisava de um protector, casou com Henrique Darnley, que era «seu primo, mas homem desregrado, beerrão, teimoso, de quem veio a separar-se por intrigas do conde Murray.

Mais tarde deixou-se dominar pelo conde de Bothwell, que aspirava á sua mão, e que para conseguir o que desejava, mandou matar Henrique Darnley. Maria estava perfeitamente innocente; mas commetteu o erro de casar com Bothwell poucos mezes depois.

Os lords protestantes da Escocia, instigados por Izabel, aproveitaram a occasião de se revoltarem contra a rainha catholica, e accusaram-na do assassinio de Darnley. Maria foi presa para o castello de Lochleven e obrigada a abdicar em seu filho Diogo VI, ficando regente Murray, seu irmão natural. Conseguiu escapar-se, annullou a abdicção, reuniu um exercito, mas foi vencida, em Langride, e refugiou-se em Inglaterra junto de Izabel, com quem alimentou durante muitos annos uma correspondencia amigavel.

Sob pretexto de julgar o assassinio de Darnley, Izabel na sua qualidade de suzerana do reino da Escocia, mandou prender Maria Stuart, que reclamou em vão o direito de voltar áquelle reino, ou a faculdade de refugiar-se em França. Maria, provou a sua innocencia, mas longe de ser posta em liberdade, foi levada durante dezenove annos de prisão para prisão até que Izabel encontrou occasião apropriada de satisfazer o seu odio. Descobrimos-se uma conspiração tramada contra ella por Babington, Maria Stuart foi accusada de ter pretendido matar a rainha.

Poucos dias antes da sentença fatal, sendo enforcado defronte das suas janellas um sacerdote catholico, Maria comprehendeu a sorte que a esperava, e dirigiu a Izabel a seguinte carta: «Peço-vos, senhora, de mãos postas, que me livreis d'este longo e terrivel captiveiro. Disestes ao meu secretario que a ninguém movereis guerra só por causa da religião. Por amor de Deus, senhora, persisti n'essa resolução tão santa e digna de vós e d'aquelles, de quem vindes. Pelo que me diz respeito, se a minha religião é o fim que tem em vista os meus inimigos, estou prompta, graças a Deus, a derramar o meu sangue perante as nações christãs. Seria para mim suprema felicidade ser a primeira victima. Não é isto vã ostentação; bem sabeis a que perigos estou exposta.» A sentença de morte foi pronunciada, e Maria teve conhecimento d'ella a 22 de novembro de 1586. A execução foi adiada para 8 de fevereiro do anno seguinte em virtude das instancias dos embaixadores francez, hespanhol e escocoz.

A 7 de fevereiro vieram ler-lhe a ordem da execução. Maria ouviu a leitura sem a minima commoção, limitando-se a protestar que nunca desejara nem pedira a morte de Izabel.

Ao retirarem-se os que lhe tinham annuciado o seu fim proximo, todas as pessoas que a cercavam, desfecharam n'um pranto de soluços.

«Não é occasião de chorar, disse-lhes Maria Stuart, mas de regosijar-vos; dentro em pouco vereis o termo dos meus infortunios. Podem os inimigos dizer o que quizerem; mas o conde de Kent trahi o seu segredo: a causa da minha morte é a minha religião.»

A nossa gravura representa Maria Stuart no desempenho de um dos maiores e mais solemnes deveres da religião. O artista observou com a maxima fidelidade a verdade historica, pois é sabido que Maria vestiu para morrer, um vestido de veludo preto, pondo na cabeça um grande veu branco.

Despediundo-se e pedindo perdão a todos os

seus familiares, dirigio-se para o logar do supplicio, reapsando sempre as exhortações de um padre protestante, que pretendia convertel-a á sua fé; porem Maria purificara e fortalecera a sua alma commungando uma hostia consagrada pelo papa. Supportou com admiravel coragem os olhares dos espectadores e a vista do cadafalso e do executor.

Afirmou publicamente a sua innocencia, acrescentando: «Morro na religião de meus paes.» Em seguida resou pela Igreja, por seu filho Diogo, e pela rainha Izabel, e levantando para o ceo o crucifixo, exclamou: «Senhor, assim como os teus braços foram estendidos na cruz, recebe-me nos da tua misericordia, e perdôa os peccados, que commetti.»

O carrasco approximou-se para tirar-lhe o vestido. «Não estou habituada a servir-me com taes creados, disse ella sorrindo. Uma de suas creadas vendou-lhe os olhos com um lenço, que tinha reservado para esse fim. Maria ajoelhou, curvou a cabeça, repetindo com voz firme: «Senhor, entrego minha alma em vossas mãos.» O carrasco exerceu as suas funções com tão pouca destreza, que a cabeça cabiu só depois do terceiro golpe. O deão protestante Fletcher pronunciou estas palavras: «Assim morram todos os inimigos de Izabel.» Um só homem respondeu: Amen! Era o fanatico conde de Kent.

ENTREVISTA AMOROSA EM VENEZA.—Tudo o que se refere a costumes venezianos desperta sempre um atractivo mysterioso, porque Veneza é por excellencia a cidade dos mysterios.

Attentem os nossos leitores n'este formosissimo quadro do pintor allemão Cramer. Aflora á exactidão sob o ponto de vista local e a verdade dos vestuários, não é facil advinhar, presentir alguma aventura romantica, alguma cousa profundamente dramatica talvez?

Um fidalgo veio, de noite, parar a sua gondola defronte da porta secreta de uma casa, que dá para o Grande Canal; d'essa porta sae uma rapariga, em cujo rosto se desenha a anciedade e agitação. O gentil cavalleiro toma-lhe da mão, e tranquillizando-a com protestos e juramentos, chama-a para junto de si. Elle vae, de certo, entrar na gondola, mas sabe Deus o que abandona em casa, o futuro que a espera, porque em Veneza, como em quasi toda a parte, raras vezes ficam impunes as acções praticadas nas trevas.

O campo está aberto a um milhão de conjecturas, e não é este com certeza um dos menores encantos da bella composição de Cramer.

Veneza tem uma feição muito particular: os seus habitantes conservam ainda hoje nos costumes um natural pendor para as aventuras perigosas, para se disfarçarem e mascararem. Quem pretender explicar esse pendor natural, essa tendencia dos venezianos, basta lembrar o governo que possuia outr'ora a rainha do Adriatico, governo despótico, temível e temido de grandes e pequenos. D'ahi as continuas conspirações, os trammas, os disfarces, que acabaram por imprimir aos costumes o cunho especial, que deu assumpto aos escriptores e artistas para tantos episodios semelhantes ao que a nossa gravura representa—ou melhor—deixa advinhar.

O CAIRO.—Chateaubriand disse do Cairo: «É a unica cidade que me deu ideia de uma cidade oriental, como geralmente se imagina.» Já no

tempo em que viveu o auctor do *Genio do Christianismo* era difficil encontrar cidade d'este genero em toda a sua originalidade. O occidente já tinha começado a invadir aquellas regiões. Desde então até nossos dias, a marcha invasora dos costumes europeus tem feito novos e incessantes progressos, de sorte que nem o Cairo já offerece na sua feição mais genuína e verdadeira, o aspecto de uma cidade oriental, como phantasiámos em nossa imaginação depois da leitura das *Mil e Uma Noites*. O seu cunho de originalidade tem desaparecido principalmente depois que o talento superior e a vontade energica de Fernando de Lesseps, rasgou o istmo de Suez, e fez do Egypto o grande caminho entre a Europa e a Asia.

Além d'isso, quando os orientaes se decidem a imitar-nos, tomam apenas os habitos exteriores dos occidentaes; no fundo permanecem os mesmos e não fazem mais do que cobrir os costumes do Oriente com o verniz da civilização europeia.

Hoje os ricos habitantes do Cairo tem salas mobiladas como as salas de Paris; os productos das industrias francezas substituíram os tapetes orientaes, outr'ora tão celebres e cubiçados. Precisam de cadeiras, de sophás, de *fauteuils*; e com certeza teriam carruagens, se as ruas do Cairo não fossem por tal forma estreitas, que é de todo em todo impossivel transitar por ellas uma parelha de hanoverianos, ou inglezes. Porém, mais dia menos dia, algum barão Hausmann do Egypto principia a abater, a derribar, a desmoronar as antigas edificações, a abrir ruas largas e espaçosas, e então as futuras avenidas e boulevards da cidade dos Mamelucos hão de ser percorridos por elegantes phaetons, breaks e landaus.

Por ora não é assim: quando se passa a cavallo n'um burro pelas ruas estreitas e tortuosas do Cairo; quando a gente se acha no meio d'aquella multidão mosqueada e do barulho infernal dos burriqueiros, que berram e gritam para abrir caminho; quando se teme a cada instante ficar esmagado, machucado debaixo dos grandes fardos mal presos ás costas dos camellos, que por toda a parte se encontram, experimenta-se em toda a sua intensidade a sensação de quem é subitamente transportado, n'um sonho, a um mundo phantastico, bizarro, e são necessarios alguns dias para se ficar convencido de que tudo aquillo é real e não fructo da imaginação.

O que primeiro se procura n'uma cidade oriental são os bazares. Os do Cairo não têm a celebridade dos de Damasco, e com razão assim acontece, porque não é possivel imaginar coisa mais sordida, nem mais immunda. O viajante por consequencia não pára deante d'elles e apressa-se a ir vêr os monumentos notaveis, entre os quaes ha dois sobretudo dignos de attenção: a *Cidadella* e a *Mesquita de Hassan*.

A Cidadella está situada em logar elevado, a que se chega por um caminho com uma rampa suave, passando-se por muitas mesquitas em ruínas. É pasmoso o numero de mesquitas em ruínas, que se vêem no Cairo; não se pôde andar duzentos passos sem encontrar uma. O velho caminho tornou-se celebre porque foi n'elle que em 1811 foram assassinados os Mamelucos por ordem de Mehemet-Ali. Depois de percorrer um pequeno espaço depara-se com as tres muralhas da Cidadella, que têm tres kilometros de area. No interior ha numerosas edificações. Além das casernas, arsenaes, etc, ha tres palacios, doze mesquitas, jardins, depositos de archivos, em uma

palavra, é uma cidade completa. A mesquita principal foi edificada por Mehemet-Ali; toda feita de marmore e de alabastro oriental, é deslumbrante pela riqueza, mas completamente destituída de valor sob o ponto de vista artistico.

A agua é fornecida á Cidadella por um poço de cem metros de profundidade a que se desce por uma rampa em espiral.

Os tumulos dos Kalifas, que tambem se observam na Cidadella, são monumentos curiosos do velho estylo arabe; desgraçadamente a incuria da administração deixa-os cahir em ruínas.

Perto da Cidadella está situada a praça de Roumelieh, e a pequena distancia d'ali ergue-se a antiga mesquita de Hassan. A sua fundação data de 1356. Foi construido no elegante estylo da epocha mais formosa da arte arabe. Antigamente tinha vidros de côres diferentes, as paredes estavam cobertas de pinturas, dourados e versuculos do Alkorão em letras enormes e adornadas com muito gosto. Hoje apenas se conhecem vestigios da passada magnificencia, e só por um esforço de imaginação se pôde formar um juizo approximado da mesquita de Hassan, tal como se ostentava na epocha em que o piedoso Kalifa a mandou erigir.

UMA HORA D'ANGUSTIA

I

Eu era um bom operario e um homem de bem; gostava de trabalhar, e os meus braços nervosos e robustos, não podiam permanecer em socego; queriam constantemente mover-se. Além d'isso, tinha mulher e filhos e, portanto, sagrada obrigação de os sustentar. Mas a boa vontade nem sempre basta aos que querem ganhar a vida: sobrevieram diferentes crises industriaes, e nunca me foi possivel tirar, como vulgarmente se diz, «o pé do lodo.»

Pelo contrario. Os negocios iam de mal a peor, e depois de lutar dois ou tres annos com a miseria, que sempre ia crescendo, tomámos a grave deliberação de partir para a Australia, animados pelas cartas de alguns companheiros, que nos precederam.

Ali, para o homem trabalhador, a terra occulta sempre ouro.

Em torno da minha cabana construida com grande rapidez, o terreno bem arroteado e semeado, deu-nos em pouco tempo optimas colheitas de cereaes, de fructos e legumes.

Além das sementes de Sidney, tinha muitas outras levadas da mãe patria. Viviamos no deserto, mas o deserto estava florido como um tapete de rosas.

Havia tambem alguns inconvenientes: por exemplo, o recio dos pretos, que praticavam toda a sorte de barbaridades e de roubos, e o logar, em que habitavamos, ficava isoladissimo, porque nos tinham dado um terreno longe de toda a colonia.

Por outro lado faltava-nos sempre, não o necessario, mas aquelle superfluo do pobre que os habitos e a vida das grandes cidades torna quasi indispensavel. Todavia, como a saude era excellente, não tinhamos grande difficuldade em habituar-nos áquella existencia primitiva e socegada.

Havia dois annos que viviamos esta vida feliz

e descuidosa, quando um dia, estando eu no jardim a trabalhar, ouvi a voz de minha mulher, que me chamava de um modo esquisito e desusado.

Levantei a cabeça e vi-a chegar correndo, com as mãos estendidas e por tal fôrma pallida, que

pobre choupana, já sentia cravarem-se-me no corpo as lanças...

Passada a primeira vertigem, olhei em roda de mim; vi tudo socegado. O meu filho Jorge estava brincando com umas flores; cantava um passaro, e o cão de guarda dormia roncando á porta.

II

A estas palavras senti affluir todo o sangue ao coração, passou-me uma nuvem pelos olhos, zuniram-me os ouvidos e nem sei como pude chegar á janella da casa. Minha mulher seguia-me tre-



ULTIMA COMMUNHÃO DE MARIA STUART

larguei a pá com que estava cavando, para amparal-a nos braços.

N'esse mesmo instante, fechou os olhos, tre-meu dos pés á cabeça e desmaiou.

A minha primeira ideia foi que os negros tinham assaltado a casa; eu já via arder a minha

Era necessario que minha mulher tivesse tido alguma indisposição repentina. Cheio de cuidado, como é facil imaginar, procurava o meio de cural-a, quando de repente contrae-se-lhe o rosto, em um novo tremor, e diz:

— Henrique, oh! a pequena... uma serpente!

mendo, e eu olhava para o berço em que dormia a nossa querida filhinha Maria, que apenas contava nove mezes.

Parecia-me que o coração se me transformava n'um pedaço de gelo, quando vi junto do berço, enroscada n'uma massa esverdeada e reluzente:

uma serpente monstruosa que cobria parte do corpo de minha filha. Dormiam ambas...

Encostado a uma enxada, de que instintiva-

fusa de que se minha filha acordasse, morria infallivelmente.

Inumeros pensamentos assaltavam-me o spi-

ria sobre ella a enxada com receio de ferir a creança.

Por outro lado, se a pequena acordasse ao



ENTREVISTA AMOROSA EM VENEZA

mente lancei mão, estava de pé, immovel, fascinado pelo horroroso espectáculo. Via a cabeça da serpente encostada aos louros anéis do cabelo da creança, e passou-me pela mente a ideia con-

rito: todos igualmente horrorosos ou impraticáveis.

Se eu pudesse chegar ao berço sem acordar a serpente, o que havia de fazer? Não descarrega-

mesmo tempo, o que era provavel, corria o perigo de a ver suffocar deante de mim; havia dez probabilidades contra uma de que os vagidos da creança excitariam a colera do monstro, e eu hem

sabia a rapidez com que estes reptis se enroscam em torno da victima, e que, se são venenosos, dão-lhe a morte em menos de um segundo.

Calculava todas as eventualidades sem desviar os olhos do berço, em que continuavam a dormir placidamente a innocente e o monstro.

Sem fazer o menor movimento, murniurei baixinho ao ouvido de minha mulher a palavra «espingarda.»

Um instante depois ella entregou-me a arma e foi ajoelhar com Jorge a pouca distancia debaixo d'uma arvore. Agradeço a Deus de todo o meu coração o ter-lhe poupado a vista do que se ia seguir.

Examinei a carga da espingarda, introduzi-lhe uma bala com mão tremula, e esperei occasião oportuna de fazer fogo.

E assim passei meia hora, um seculo d'angustia, devorando com a vista ora o medonho reptil, voluptuosamente deitado sobre a colcha, ora o rosto angelico da minha filhinha, ainda mais bello dormindo o somno da innocencia.

Por vezes a cabeça se me desvairava a ponto de me fazer esquecer do resultado da scena. As mãos tremiam-me por tal forma que não podia segurar na espingarda e um suor frio me cahia da testa em grossas bagas.

De repente, como se obedecessem ao mesmo signal, acordaram o reptil e a creança.

Houve no berço um movimento rapido.

III

Louco, desvairado, achei no terror a força do desespero. Puz a espingarda ao hombro com um sangue frio, que ainda hoje me espanta: o monstro desenrolava-se a meus olhos em todo o seu comprimento, e os anneis escorregando uns sobre outros enchiam todo o espaço occupado pelos pés do berço, a espiral movia-se em caprichosas ondulações, a pelle humida scintillava e produzia mil reflexos brilhantes, á medida que o reptil ia erguendo a cabeça lentamente e approximando-se da cara de minha filha.

Eu via-lhe a trífarpada lingua sahir e entrar como um relampago ou brilhar nos cantos da boca; via-lhe o brilho fascinador dos olhos, e já se me affigurava escutar os gritos de terror dados pela creança.

Um tremor febril apoderou-se do meu corpo quando o monstro principiou a balouçar vagarosamente a cabeça da esquerda para a direita, e o pescoço ia inchando a pouco e pouco, e no fundo da garganta brilhava o dardo semelhante a uma chamma azulada; o animal preparava-se para ferir! Era occasião de fazer fogo, mas eu não tinha força para isso. Depuz a espingarda, peguei na enxada, porem, a mão cahiu como paralisada ao ver a innocente creancinha estender os braços e sorrir para o monstro, cuja cabeça agitando-se reflectia mil cores maravilhosas.

Quando a angustia, que me opprimia se tornou insupportavel, recuperei como por encanto a minha força. Tomei novamente a arma e na occasião, em que o reptil abria as largas fauces para ferir, desfechei.

Toda a gente sabe que as serpentes ferem e não mordem: a maxilla inferior abaixa-se para deixar livre o movimento da outra, em que reside a força e o veneno.

O fumo dissipou-se; vi os anneis torcerem-se e escorregarem rapidamente nas extremidades do

berço, a propria cauda desapareceu; em seguida todos os objectos começaram a andar á roda deante de mim, e encostei-me á enxada para não cahir.

IV

A vertigem passou. Entrei precipitadamente depois de tornar a carregar a espingarda; tomei nos braços a creança, que estava sã e salva, e levei-a á mãe.

N'aquelle primeiro momento eu estava como um homem, a quem se tira um peso enorme do peito, ou como o naufrago que depois de muita luta sente debaixo dos pés a areia da praia salvadora.

Comecei a procurar diligentemente o reptil, que devia estar na parte da cabana, em que dormiamos. Acabei por descobrir uma abertura entre os tijolos mal unidos, que formavam o ladriho. Por ali é que a serpente fugira, e se não houvesse uma comunicação inferior para o jardim, devia estar lá forçosamente.

O gato, sentado junto da fenda com os olhos muito scintillantes, tornava esta supposição mais verosimil.

De repente, ouço um pequeno ruido debaixo dos tijolos; disparei a espingarda na tal abertura, e no mesmo instante descubro a pelle do meu inimigo e ouço um grito de minha mulher.

Dirijo-me para a porta e vejo uma serpente monstruosa debatendo-se sobre a herva, que manchava com o sangue. Era um espectáculo horroroso, a lingua agitava-se ainda ameaçadora, e os anneis immensos rolavam uns sobre outros com espantosa rapidez. Dir-se-hia que o reptil se preparava para arremessar-se sobre nós; mas debatia-se em vão; aquelles movimentos eram as ultimas convulsões da agonia.

Esmigalhei-lhe a cabeça com a coronha da espingarda.

Quiz tirar-lhe a pelle, que era formosissima; porem não pude dominar o meu horror. Medi-a; tinha quatorze pés e tres pollegadas; era da grossura do meu braço.

A minha querida filha, tão maravilhosamente protegida pela Providencia, é hoje uma rapariga de vinte annos, bella e forte, e vae casar com o filho de um lavrador meu visinho. Casam para abril. Deus os abençoe como abençoou a nossa estada n'este risonho deserto, e, se assim fôr, nunca hão de querer trocar a paz e abundancia d'estas socegadas planicies pelo ruido, pela miseria e pela solidão de uma grande cidade.

NO ALBUM DA SEÑORITA AURORA DE...

AURORA

Vaes deixar-nos, anoutece;
mas até que voltes, ha de
triste o luar da saudade
gemer: «Aurora amanece.»

Eu por mim, Aurora, quando
despontas á minha vista,
chego á crer, que tenho crista
e bato as azas cantando.

Espinho, setembro 1880.

FERNANDO CALDEIRA.

A MAIS BELLA DAS VIRTUDES

Trez sabios da antiga Persia disputavam um dia sobre qual das virtudes tinha entre todas a primazia.

Dizia o mais velho que a primeira das virtudes era a piedade. O respeito aos deoses, o sentimento religioso era a fonte e a origem de todas as virtudes: d'este sentimento dimanava a força para lutar com todas as adversidades e para vencer todos os males: d'elle brotava a inspiração que nos guiava no caminho do dever. No affecto pela Divindade, e na veneração pelas suas leis residia pois toda a sabedoria.

O segundo sustentava que a mais humana das virtudes era a caridade. O amor do seu semelhante que nos leva a soccorrel-o nas afflicções, a consolal-o nas suas magoos, a agasalhal-o sob o nosso tecto, a vestil-o com os nossos vestidos, e que muitas vezes nos obriga a privar-nos não só das cousas agradaveis, mas das cousas necessarias; que nos impelle a sacrificar-nos para allivarmos os outros homens e para fazermos o bem é certamente a mais generosa e a mais santa das virtudes; e a que mais nos approxima da perfeição a que o homem deve aspirar.

Coube então a palavra ao mais novo dos trez sabios; homem que tinha percorrido muitos paizes, que exercera a profissão de mercador, e que conhecia o mundo e as vicissitudes da sorte. Este ultimo era de opinião que a mais alta das virtudes é a constancia. Sem constancia todas as outras virtudes eram imperfeitas, e as mais bellas qualidades eram incompletas. Sem firmeza nos propositos, perseverança nos actos, e persistencia nas regras da vida não havia facilidade de conseguir um fim util, nem possibilidade de attingir um fim moral. Todo o esforço seria pois contingente, e toda a virtude inefficaz, se não fosse acompanhada de uma vontade constante.

N'esta occasião acercou-se dos tres sabios um viajante ainda moço, que tendo chegado da India, percorria os bazares da cidade. Ouvindo a discussão acalorada, quiz saber o motivo. Depois de ser informado dos trez diferentes pareceres, foi convidado a emitir o seu voto sobre aquella grave questão.

Devo confessar, respondeu elle com um sorriso fino e gracioso, que nenhuma das trez opiniões me satisfaz cabalmente. Eu penso que a mais bella das virtudes é a bondade.

Ser bom é amar o bem, practicar o bem e desejar e aspirar sempre ao bem.

Amar o bem é adorar a Deus que é o Supremo Bem.

Practicar o bem é amar não só os homens, mas todos os seres do Universo; é ser compassivo, affavel e clemente.

Desejar sempre o bem, em todas as circumstancias e em todas as situações da vida, é possuir a constancia mais difficil e mais rara que ha no mundo.

Ser bom é ser piedoso, humano e pacifico; e a Bondade é a Suprema Virtude.

Todos se inclinaram em signal de assentimento, e beijaram o moço viajante que excedia em sabedoria os tres philosophos da Persia.

JUNIUS.

ÉLIE BERTHET

O CRIME DE RIVECOURT

(TRADUÇÃO DE CUNHA E SÁ)

(Continuado de pag. 21)

IV

A devassa

Dias depois, Leão achava-se no tal palácio, n'uma vasta casa que se encarregava de ornar de pinturas.

Chamava-se o salão de gala e era um modelo de mau gosto, como todas as casas d'aquelle malfadado edificio; ostentava-se, porém, ali uma riqueza espantosa, e os bronzes, os marmores preciosos, os mosaicos, os dourados, davam-lhe deslumbrante aspecto.

O artista, nas suas horas de trabalho, não trazia o traje apurado com que julgava conveniente apresentar-se na festa dos camponios. Nas calças de linho e na camisola encarnada de capuz, poderiam encontrar-se-lhe amostras de todas as cores da sua paleta.

Mas, no que não havia mudança era na sua bella cabeça, fina e intelligente, nos seus olhos vivos, scintillantes de malicia, nos cabellos naturalmente ondeados e na barba macia como seda, de que elle cuidava com especial esmero.

Do alto de um andaime, assobiava uma aria da opera, e pintava com vigor n'uma grande parede pastorinhos e pastorinhas à Watteau, Venus pouco envergonhadas e cupidinhos um tanto á fresca, quando a senhora Huberto de cesto no braço, entrou no salão trazendo a refeição do meio dia.

Leão não estava occupado nos seus trabalhos, que se esquecesse de comer. Assim que viu a tia Huberto, interrompeu o assobio, e largando palheta e pinceis, desceu a escada, com uma rapidez que dava provas do appetite que o agilhava.

Como ainda não havia moveis na sumptuosa residencia do banqueiro, a boa da mulher poz com toda a presteza o talher em cima de duas tabuas por aplinar, que ella decorou com um guardanapo escuro.

No mesmo instante Leão sentou-se n'um banco um pouco coxo, que lhe tinham trazido de uma cabana proxima, e tratou de demorar o almoço, que se compunha de uma chavena de chocolate, de um pedaço de carne fria e de alguns fructos.

Enquanto se entregava a esta agradável occupação, a tia Huberto lançava em volta de si olhares espantados.

— Bravo! como isto aqui é bonito! dizia ella com admiração. Parece uma igreja!

— Pois olhe que é o contrario de uma igreja, replicou Leão com a bocca cheia.

— E estas mulheres que não estão vestidas, são santas?

— São o contrario das santas.

— E estes lindos pequerruchos que andam a voar pelas nuvens com azas cor de rosa, com certeza que são anjos?

— Não está em maré, minha querida; esses lindos pequerruchos são o contrario dos anjos... Mas fallemos em outra coisa... Bem sabe, tia Huberto, que ando a procurar novos aposentos na aldeia?

— Sim, senhor, o que nos custa, porque todos gostamos muito do senhor, e a Theresa até cho-

rou... Mas o nariz de Leroud já sarou e o casamento não se pode demorar.

— Senti bastante os infortunios do nariz de Leroud... Quanto a mim, descobri um quarto muito a meu gosto, e espero installar-me n'elle brevemente.

— E em casa de quem, sr. Leão, se faz favor?

— Em casa do tanoeiro Hermano.

No rosto da tia Huberto manifestou-se a admiração de envolta com o terror.

— Em casa de Hermano? repetiu ella.

— Porque não? tornou Leão, que tendo acabado de almoçar, accendia com todo o seu socego um charuto. Vamos a saber, porque é que está a olhar para mim? Por acaso o Hermano não é seu amigo?

— Não digo isso, senhor; ainda que se *rosna* um pouco a respeito d'elle, não quero que a minha lingua vá prejudicar ninguém... mas, preferia ver o sr. Girard accommodar-se n'outra parte.

— Mas se eu não posso accommodar-me n'outra parte... A sr.^a Huberto parece ter o quer que seja contra Hermano, e não é commigo, que estou apenas de passagem em Rivecourt, que a senhora deve estar com mysterios.

— Lá isso é verdade, proseguio a tia Huberto; pode-se confessar ao senhor o que não se deveria confessar a outras pessoas... Sabe o que lhe digo? não vá para casa de Hermano.

— Então, porque?

— Porque...

E a tia Huberto olhou em volta e baixou a voz.

— Porque, proseguiu, porque é um mau homem.

— Um mau homem; quer então dizer com isso que é avaro, debochado, desordeiro.

— É isso, e mais alguma coisa.

— Na verdade! explique-se então!... Por acaso, não estará Hermano de todo innocente a respeito da morte de seu sogro, o guarda Martinho?

— Não me atrevo a dizer tanto, meu querido senhor, apesar de ter sido um tanto suspeito o seu procedimento n'aquelle dia! E depois, sei mais alguma coisa.

— Vejamos, vejamos! não esteja a remanchar e ponha para ali o que sabe.

— Pois senhor, o Hermano... a mulher quando estava gravida, a filha do Martinho que Deus haja...

O artista não manifestou o horror que a tia Huberto esperava talvez, e replicou tranquillamente:

— Ora, alguma questão de familia, por certo?

— Não, não foi isso, mas um calculo malvado da parte do Hermano, como vae ver. Hermano tem já uma filha, a Magdalenasinha que está em casa da tia em Saint Valery, e não andava muito satisfeito por ir ter mais um filho da mulher, porque Hermano tem fama de avaro. Ora, uma noite, a tia Catineau, cujo pateo fica pegado ao de Hermano... Conhece a tia Catineau, sr. Leão?

— Conheço, uma velha que está sempre a metter o nariz de papagaio e a esgaravatar com os dedos sujos na vida alheia...

— É verdade; mas d'aquelle vez não foi voluntariamente. A Catineau, que não podia dormir com dores de dentes, pozera-se á janella; e por volta da meia noite, avistou luz em casa dos Hermanos, do outro lado do pateo. Muito espantada, olhou com attenção, e como a janella não tinha

cortinas, viu Hermano puchar a mulher para fóra da cama, e arrastal-a pelos cabellos, sacudindo-a e espancando-a com grande furia. A pobre creatura não soltava um grito, um queixume com medo, de certo, de attrahir a attenção da vizinhança. Demais, a luz apagou-se logo, e não se poudo ver mais nada. Mas, no dia seguinte, a desgraçada teve antes de tempo uma criança morta. Ella mesma morreu tres dias depois, e Hermano ficou viuvo.

A tia Huberto calou-se por um momento.

— E agora, proseguiu, quer ainda ir viver para casa do tanoeiro?

Mas Leão parecia resolvido a não se admirar nem se assustar por coisa alguma.

— Porque não? respondeu; eu bem dizia, foi uma questão caseira que teve funestas consequências... Se assim não fosse, porque é que a bruxa da Catineau, não havia de dar parte á policia?

— D'isso se livrou ella, senhor; mata-a-hia como quem mata uma formiga... Só a mim é que ella me contou estas coisas, porque sabe comó eu sou calada.

— Ora! contos de senhoras visinhas... Agora, se se provasse que Hermano tinha tido parte no assassinato do guarda Martinho, então mudava o caso de figura; mas que interesse havia d'elle ter na morte do sogro?

— O que, pois não sabe?... Hermano é o herdeiro de Martinho, por causa da sua pequena, e a justiça acaba de lhe dar posse da herança do guarda.

— Emfim, a justiça reconheceu que não ha motivo para proceder contra elle, e a justiça não se engana... Pode-se por acaso accusar um homem de haver morto outro a tiros de espingarda, quando está provado que nunca possuiu espingarda nenhuma?

— Lá isso é verdade, sr. Leão; Hermano nunca possuiu espingarda, como os outros homens de Rivecourt, que são todos um pouco caçadores. A unica arma que algumas vezes lhe teem visto na mão é uma pistola muito velha de dois canos, de que elle se serve para atirar salvas nos casamentos, quando os noivos saem da igreja.

— Uma pistola de dois tiros! exclamou Leão com mais calor do que desejaria mostrar.

— Ora! uma peste de pistola de pederneira, coberta de ferrugem, e á qual falta um cão... Por isso, um dos tiros não pôde partir senão dando-se-lhe fogo com um phosphoro!

— Com um phosphoro! repetiu o artista estremecendo.

Calou-se durante alguns segundos, e fechou os olhos, como para facilitar o trabalho do pensamento.

— Todos, finalmente, estão de accordo, proseguiu, que Hermano não tem espingarda... Demais, tia Huberto, a senhora e a Theresa não declararam que o tanoeiro se achava em sua casa na noite do assassinato?

— É tambem verdade, sr. Leão; mas eu e minha filha temos conversado n'isso muitas vezes depois d'aquelle caso e parece-nos... N'aquelle dia, tinhamos ido apanhar batatas em casa da Chevillot, e a casa ficara sem ninguém uma parte da tarde. Quando acabavamos de entrar, ao cair da noite, chegou Hermano; disse-nos que tinha trabalhado rudemente todo o dia, e fallou-se de varias coisas. De repente, exclamou: — «Espere lá, ó tia Huberto, a sua pendula está atrasada; marca cinco e meia e são seis... Deixa-me ver!»

E puxou do seu grande relógio de prata, que effectivamente marcava seis horas. Depois, poz-se a acertar o relógio de parede. Mas o relógio não andou; foi preciso dar-lhe corda e torná-lo a acertar no dia seguinte... Já se vê, pois, que se eu e a Thereza, dissémos que eram seis horas, foi o proprio Hermano que nol-o affirmou.

Leão Girard permaneceu silencioso, mergulhado em secretas reflexões.

Levantou-se.

— A tia Huberto é uma falladora e eu perco o meu tempo, disse elle com a sua alegria habitual; e eu perco o meu tempo... Não ha remedio

mano, supplico-lhe, ou succede-lhe alguma desgraça.

— Que desgraça quer a senhora que me succeda?

— O senhor está sempre a caçar, e elle é tão violento, tão brutal...

— Ora! mando-o para casa do diabo.

— E tão forte! é um verdadeiro colosso!

— Já tenho sovado outros mais fortes que elle.

— É velhaco...

— Veremos qual será mais.

— Sr. Leão, visto que teima, ouça o que lhe digo: Se fôr para casa de Hermano, elle mata-o. O artista soltou uma gargalhada.

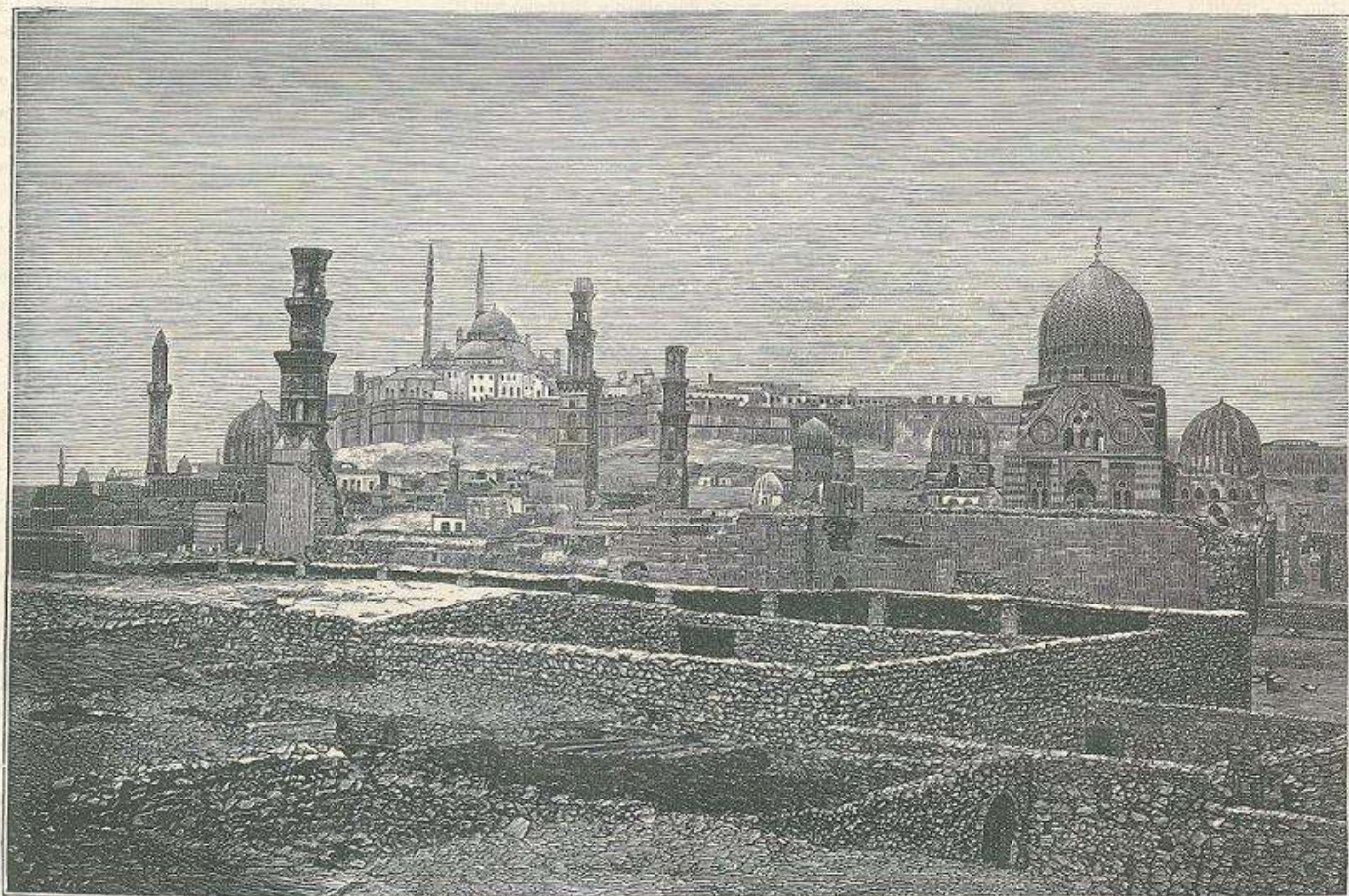
V

Um chá

Como o declarára, Leão achava-se vinte e quatro horas depois instalado em um quarto da casa de Hermano.

Este quarto, sem ser muito mais luminoso que o da Huberto, parecia mais vasto, mais commodo. Situado no primeiro andar, gosava-se d'elle uma vista esplendida das florestas visinhas.

Quanto aos moveis, o pintor pouco se importava com isso, porque meza, leito, cadeiras, tudo



O CAIRO

senão tornar a trepar para a minha escada, para dar uma demão a um d'esses garotos a que a senhora chama aujinhos.

A boa da mulher tratou de ir mettendo a louça para dentro do cabaz.

Mas sempre foi perguntando com timidez:

— Então o sr. Leão continúa resolvido a ir morar para casa do Hermano?

— Porque não, se o seu quarto me agrada?

— Talvez não lh'o queira alugar ao senhor, por causa da viuva Laurent...

— Como a senhora mesma, disse, Hermano é amigo do dinheiro; na esperança de ganhar muito commigo, esqueceu-se de certo das minhas *partidas*, e já vamos estando de accordo em todos os pontos.

Quanto mais confiança o pintor mostrava, mais incommodada e receiosa se mostrava a tia Huberto.

— Sr. Leão, sr. Leão, tornou elle, quasi com as lagrimas nos olhos, não vá para casa de Her-

— Qual! Tenho sete folegos como os gatos! E no mesmo instante:

— Para lhe mostrar o pouco receio que o seu Hermano me mostra, vou já entender-me com elle esta noite, como tencionava.

— Então que Nossa Senhora e todos os santos o protejam! disse a tia Huberto erguendo os olhos ao céu.

E abalou, desesperada, com o seu cesto, em que a loiça ia a tinir, enquanto o pintor subia novamente para o andaime assobiando uma musica marcial.

Não obstante, havia mais ostentação que sinceridade, n'esta alegria, porque o assobio cessou assim que a tia Huberto se achou a distancia de o não poder ouvir.

Até se poderia notar que durante o resto do dia, Leão Girard trabalhou gravemente, sem se entregar a nenhuma das suas excentricidades habituaes.

desapparecia sob um montão de cartões, de desenhos e de telas esboçadas.

Hermano occupára-se com inexgotavel complacencia da installação do seu locatario.

Ávido de ganho, como todo o camponio, fizera calar os motivos de queixa que tinha contra o estouvado parisiense, porque alimentava a esperanza de o explorar. Além d'isso talvez tambem entendesse que assim podesse vingar mais facilmente as diligencias que o pintor empregava junto da viuva Lourenço, que elle Hermano persistia em querer desposar, e á qual continuava a fazer uma corte assidua.

Quanto a Leão, accetára com maravilhosa sem cerimonia os servicos do seu novo proprietario.

Fôra Hermano quem, segundo as suas indicações, dispozera os moveis; fôra elle tambem quem no seu robusto costado transportára as mallas, os embrulhos, a volumosa papelada do artista.

(Continua)